

LIVROS

A mais famosa das guitarras faz 50 anos

JÚLIO MARIA

O tempo só fez bem à senhora de braços longos e macios, corpo esbelto, voz sedutora. Jimi Hendrix a segurava com desejo, esfregava-a nos dentes, a jogava ao chão e deixava seu corpo em chamas. Eric Clapton, mais elegante, acariciava sua pele até sentir calafrios, fechava os olhos e contraía os dedos para conduzi-la a um êxtase longo e ruidoso. Mesmo o bom moço Buddy Holly, mais chegado a amor do que a sexo, fazia a moça soar em 1957 como nenhum outro roqueiro conseguira.

Ninguém diz que a senhora Fender Stratocaster tem hoje 50 anos. Firme em sua infidelidade conjugal, fica embriagada nas mãos de Lou Reed, suave ao lado de Mark Knopfler, nostálgica perto dos Strokes e atrevida com o Sonic Youth. A lista de seus galanteadores vai longe e, com eles, o modelo de guitarra criada por Leo Fender em 1954 escreve uma história que altera e guia comportamentos desde os anos 60.

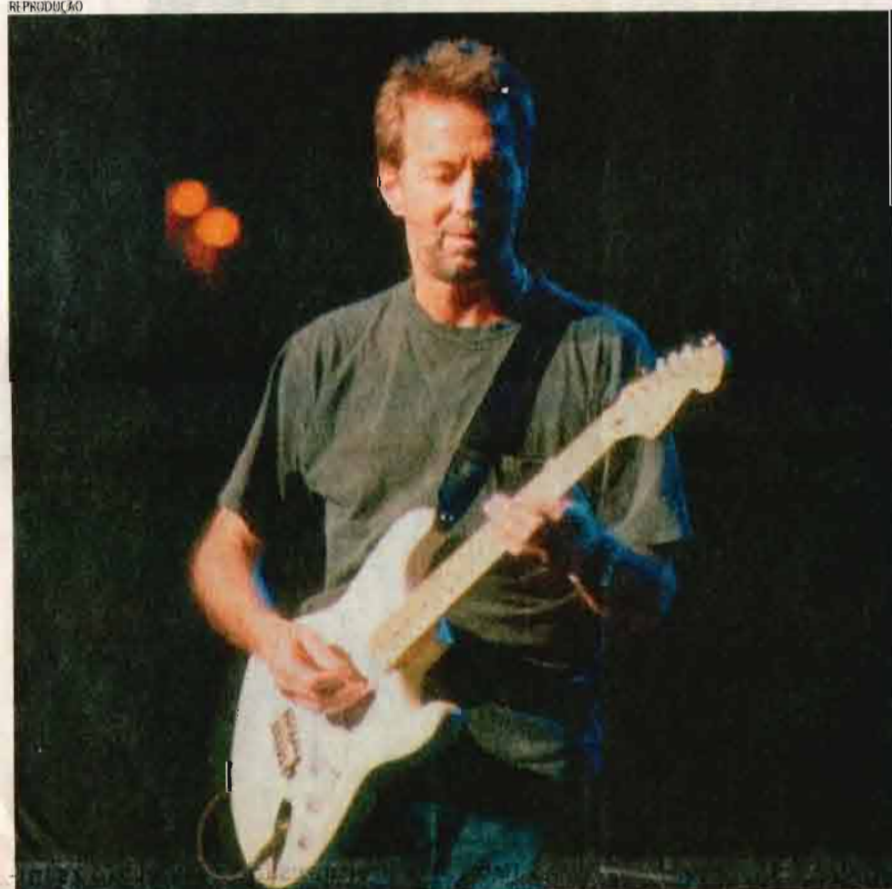
As cinco décadas da Fender Strato inspiraram o jornalista Tom Wheeler a escrever o livro "The Stratocaster Chronicles", com muitas fotos e depoimentos de designers, executivos de empresas e músicos sobre o modelo de instrumento mais popular da história. "Há muitas e variadas informações, mas o que é mais interessante para mim são as histórias e os motivos das pessoas que inventaram a Strato, que construíram as primeiras e que depois a melhoraram. No meu livro, designers não falam apenas sobre o que eles fizeram, mas porque eles fizeram", conta Wheeler em entrevista a um site especializado.

Sem previsão de data para chegar ao Brasil, o livro fala, entre outras passagens, sobre o que significou o lançamento de um instrumento com nome de foguete para aqueles anos em que a country music branca e o blues negro começavam a rabiscar a música que mudaria o planeta.

Se a força de um modelo de guitarra teria mesmo tanto poder? Não, responderia o próprio Leo Fender se lhe fizessem a pergunta em 1954. Sua menina dos olhos à época chamava-se Telecaster, colocada nas lojas em 1948 e adorada pelos rapazes que tocavam country music por produzir um som límpido e agudo.

Leo Fender queria um instrumento infalível que não perdesse em agudos, mas que tivesse graves mais poderosos que a estridente Telecaster. Que falasse baixo, gritasse ou chorasse sem perder o timbre. Enfim, uma usina de notas capaz de fazer o músico que a tocasse esquecer da existência de sua arqui-rival Gibson Les Paul. Nem todos os sonhos se realizaram. Músicos como Jimmy Page e Santana jamais abandonaram suas Gibson. A própria Telecaster, reformada, virou impressão digital de outros como Keith Richards e Albert Collins, mas a Strato foi mais longe. Eric Clapton, que tem mais de uma centena de Stratocasters, esbarra no piegas: "Experimentei quase todas as guitarras que foram feitas e sempre voltei para a Stratocaster. Ela é

REPRODUÇÃO



ERIC CLAPTON, UM DOS MAIORES ENTUSIASTAS DA FENDER, TEM MAIS DE 100 DELAS

Saiba mais

Gibson Les Paul, a eterna rival

As pedras nos sapatos de Leo Fender não foram muitas nas décadas em que sua empresa controlava nada menos do que 80% do mercado de instrumentos musicais. As marcas Epiphone e Gretsch tinham ótimos modelos, mas não se popularizavam com a mesma força.

A única rival à altura capaz de fazer um Jeff Beck ter dúvidas foi a Gibson Les Paul, dois anos mais velha que a concorrente. Seus adeptos não foram tão fiéis, mas sempre muitos: Frank Zappa, Johnny Winter, Eddie Van Halen, Mark Knopfler e até Jimi Hendrix tiveram suas fases les-paulinianas.

O pai da matéria foi Lester William Polfuss, inventor de equipamentos de áudio e músico virtuoso que se apresentava sob o nome Les Paul. Quando chegou com o desenho do instrumento para apresentar à fábrica Gibson, no final dos anos 40, os projetistas olharam aquilo, sorriram e dispensaram o "aventureiro": "Isso é um cabo de vassoura!"

Obstinado em fazer um instrumento com uma sustentação natural (duração das notas) de 20 segundos, Les Paul criou um corpo de mogno sólido que fez sua guitarra ficar muito pesada. E aí mora uma das muitas diferenças — e picuinhas — com sua rival Strato.

furiosa e, ainda assim, agradável. Crua e ao mesmo tempo pura."

A história da Stratocaster não se passa só no paraíso. Fender ficou doente em 1965 e, acredita-se, pensou seriamente que iria morrer. Só isso pode explicar a asneira de ter vendido a empresa para o grupo CBS no momento em que ela lidera-

va o mercado. O resultado foi a queda na qualidade dos instrumentos.

Os usados, fabricados antes de 1965, viraram relíquias de até US\$ 20 mil. A CBS vendeu a empresa para investidores em 1985 e Fender morreu seis anos depois tranquilo, orgulhoso da filha que chorava e gritava sem perder a pose.

Lançamentos

"Vinte poemas de amor e uma canção desesperada"

Pablo Neruda, tradução de Domingos Carvalho da Silva, José Olimpio Editora, 80 páginas, R\$ 19

O livro chega a sua 22ª edição, no ano em que Neruda completaria seu centenário. Lançado originalmente em 1924, foi o terceiro livro do escritor e para muitos constitui o marco de sua poesia. A edição, em espanhol e português, mostra como a poesia de Neruda, pela primeira vez, alcança a unidade profunda entre a contenção retórica e a riqueza vocabular. Segundo o próprio autor, "é um livro que contém minhas mais atormentadas paixões adolescentes (...), apesar de sua aguda melancolia, está presente nele a alegria de viver".



"Como estabelecer limites"

Elizabeth Vinto, tradução de Anita Laura Chaves, Editora M.Books, 278 páginas, R\$ 45

A autora, pediatra americana especializada em desenvolvimento infantil e de adolescentes, mostra aos pais como o estabelecimento de limites assegura os meios de manter o controle de si próprios e dos filhos. Aborda situações do cotidiano, com capítulos específicos como doenças crônicas, crianças com necessidades especiais, superdotadas e homossexuais. A autora procura fornecer as ferramentas necessárias que facilitem aos pais a tarefa de guiar os filhos e dirigir suas energias para caminhos adequados, para que possam agir de maneira responsável.



"À esquerda da esquerda - trostkistas, comunistas e populistas no Brasil contemporâneo (1952-1966)"

Murilo Leal, Editora Paz e Terra, 280 páginas, R\$ 35

Em um período como o atual, quando tanto se fala em crise do marxismo e em crise dos valores socialistas, o livro aborda o significado da luta de idéias entre as correntes que afirmavam ter as mesmas referências históricas. O autor analisa o papel do Partido Operário Revolucionário, trostkista (POR-T) e traz diversas entrevistas que propiciam interessantes reflexões sobre a vida política brasileira no período.



"Eu, Safiya - a história da nigeriana que sensibilizou o mundo"

Raffaele Masto, tradução de Marcos Leal e Sabino Affonso, Editora Verus, 186 páginas, R\$ 25,90

O autor, jornalista italiano, conta a história de Safiya Hussaini Tungal Tudu, uma nigeriana de 37 anos, condenada a morte por ter tido uma filha fora do casamento. A sentença — ser enterrada até o pescoço e apedrejada até a morte — gerou um movimento internacional de mobilização, que foi decisivo para a absolvição da acusada.



"A gente se vê por aí"

Henrique Joriam, Ibis Libris, 512 páginas

Um título que vai fazer a alegria dos amantes das viagens. Em uma linguagem simples e direta, o autor fala do amor à arte de viajar, mostrando que qualquer pessoa pode vencer desafios e sentir a importância de conhecer novos lugares. Como fotógrafo, guia de turismo e comissário de bordo, Joriam conta esse fascínio por vários países da Europa, devidamente fotografados em várias páginas do livro.



"A metralhadora de argila"

Victor Pelevin, tradução de Maria Angela Villela, Editora Rocco, 328 páginas, R\$ 43

Pelevin, nascido em Moscou em 1962, cria uma enebriante trama, construída a partir de uma estrutura onírica e pontuada por temas filosóficos, para discutir o que é verdadeiro de verdade. Piotr Poustota, protagonista da obra, vive em meio a alucinações, embaladas por vodka e cocaína, durante a guerra civil que levaria os bolcheviques ao poder.



Livro presta tributo a Villa-Lobos

Na última sexta-feira, dia em que Villa-Lobos completaria 117 anos, foi lançado, nos jardins do Museu Villa-Lobos, o livro "Villa-Lobos e a Música Popular Brasileira".

A obra, financiada pela Eletrobrás, através da Lei Rouanet de incentivo a cultura, é uma pesquisa, elaborada pela professora titular de percepção musical da UFRJ, Ermelinda A. Paz, vencedora do Concurso de Monografias do Ano do Centenário de Villa-Lobos, promovido e patrocinado pelo Museu Villa-Lobos, Iphan e Ministério da Cultura.

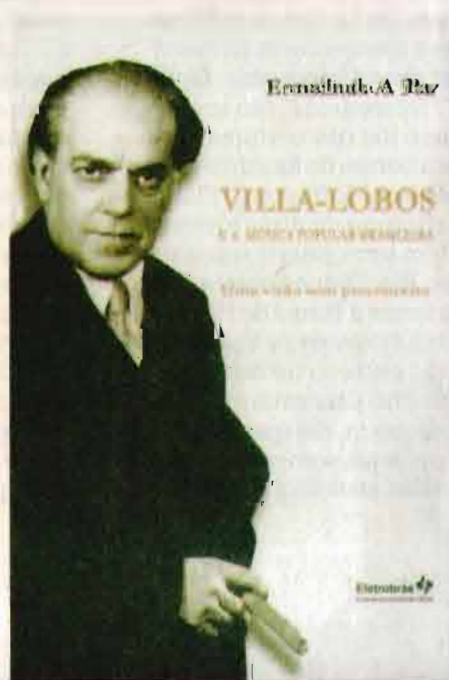
A obra apresenta material inédito e, em primeira mão, cartas originais do compositor ao seu maior mecenas Carlos Guinle que patrocinou toda sua trajetória pela Europa promovendo sua ascensão musical.

O conteúdo abrangido pela obra premiada é fruto de um sério trabalho, rico em depoimentos e documentação, que

pretende trazer a público um pouco mais do muito que representa Villa-Lobos para a cultura brasileira e universal.

A obra abrange não só a síntese biográfica, bem como revive os carnavais do início do século, a análise da obra "O Samba Clássico" dedicado aos músicos populares, a ligação do compositor com a Mangueira e Cartola, com brasileiros ilustres como Vicente Celestino, Sinhô, Pixinguinha, Donga e Dorival Caymmi.

O texto trás, também, depoimentos de músicos populares, dentre outros: Nana e Dorival Caymmi, Joyce, Herivelto Martins, Elizete Cardoso, Edu Lobo e Wagner Tiso, além de uma discografia completa dos músicos populares que gravaram Villa-Lobos.



POESIA EDUCAÇÃO POLÍTICA DRAMA TURISMO FICÇÃO